

Apêndice

Categorias de imitações *Reparatio Reipub*

Tendo em atenção as duas características que definem uma moeda de imitação, erro na legenda e interpretação tosca dos tipos, considerámos oportuno, em função da qualidade distinta da execução artística, agrupar as imitações *Reparatio Reipub* em quatro categorias que se definem por si mesmas: 1) imitação tosca; 2) intermédia; 3) boa; 4) fronteira. Não se pode atribuir qualquer tipo de significado cronológico a esta classificação, pois as diferenças que evidenciam são apenas o resultado da diversidade da qualidade da mão-de-obra a trabalhar também numa oficina irregular.

As peças das duas primeiras categorias: tosca e intermédia, são denominadas como “expressamente imitações”, na medida em que revelam, sem margem para dúvidas, o seu carácter irregular.

1) A primeira categoria é constituída pelas moedas que poderíamos qualificar como “bárbaras”, com legendas aberrantes e letras irregulares, dotadas de uma iconografia muito tosca, cujos tipos, frequentemente desproporcionados, são reduzidos a simples esquematizações, sem qualquer sentido artístico e com uma técnica pouco cuidada, quase sempre à base das linhas de contorno (veja-se estampa 5, n.ºs 92, 98 e 112; estampa 6, n.ºs 50 e 51 de Santa Vitória).

2) A segunda categoria, a que chamamos intermédia, é composta pelas peças em que se adivinha uma mão de maior qualidade e um trabalho mais depurado, normalmente à base de volumes, embora o seu estilo se mantenha distanciado do característico das moedas oficiais, com tipos desproporcionados e por vezes rudes, incluindo também legendas com equívocos e letras irregulares (veja-se estampa 5, n.º 38 de Tróia IV; estampa 6, n.º 12 de Santa Vitória).

Nestes dois grupos encontramos uma gama variada de estilos e qualidade; a inclusão das moedas num ou noutro depende, evidentemente, de um critério muito próprio e subjectivo. No entanto, cremos que esta gama ampla se insere perfeitamente entre os dois extremos que definimos apesar da arbitrariedade dos mesmos.

É a estas duas categorias que pertence a maior parte das imitações.

3) A uma terceira categoria chamámos “boa”. Incluem-se neste grupo as moedas que apresentam uma execução cuidada, sobretudo em comparação com as dos dois grupos precedentes. Se, à primeira vista, o seu carácter irregular pode passar despercebido, uma análise mais atenta revela rapidamente a sua condição de imitação. Os traços que se verificam nestas imitações são muito variados e, se existem alguns exemplares nos quais a particularidade que os define como imitação é exclusiva, outros apresentam características que permitem associá-los:

Nalgumas imitações, as legendas correctas (por vezes apenas legíveis parcialmente) e letras mais ou menos regulares, que poderíamos considerar como próprias das moedas oficiais, unem-se a tipos um pouco toscos que se distanciam do característico, sendo, assim, difícil atribuir-lhes uma origem oficial (veja-se estampa 5, n.ºs 89 e 107).

Noutras ocasiões, encontramos moedas de certa qualidade artística que, apesar de combinarem pequenos erros nas legendas com tipos bons, distanciam-se globalmente do oficial. É o caso da n.º 115 (estampa 5), que, à marca - - // LVGP, associa uma legenda de

anverso cuja cesura D N MAG MAX-IMVS PF AVG é exclusiva das moedas de *Maximus* de Treveri e no reverso, a legenda REPARATIO é precedida por um ponto. A n.º 38 de Santa Vitória, ostenta a marca - - // CONP (estampa 6) e a n.º 39 (estampa 5) a marca - S // CONP, (marca de campo S, exclusiva dos *Reparatio* de Lugdunum). A n.º 5 de Tróia IV (estampa 5), apresenta as letras do exergo invertidas.

Outras vezes, legendas correctas mas com letras mais ou menos irregulares unem-se a tipos de qualidade técnica e estilística que nunca atingem a factura dos exemplares regulares. Os seus reversos poderiam ser classificados como “oficiais de má qualidade”, enquanto que nos anversos, um pequeno detalhe, geralmente o tratamento do olho, das pregas do manto, do nariz ou da roseta que coroa o diadema, mostra o carácter arcaizante e retrógrado do busto, que se torna mais evidente se colocarmos estes exemplares perto de exemplares regulares. Cremos estar perante imitações e não perante moedas oficiais (veja-se Santa Vitória, n.º 27, estampa 6 e n.º 78, estampa 7).

4) Quarta categoria: imitação fronteira. São os exemplares que tanto poderiam ser moedas oficiais de má qualidade como imitações de boa qualidade, na medida em que, as suas legendas não apresentam erros mas, por vezes, letras irregulares, e os seus tipos poderiam ser oficiais. Tanto podem ser o produto de uma mão especializada que trabalha numa oficina irregular como de mão-de-obra desqualificada que labora num centro emissor. No caso do *Reparatio*, os exemplares deste grupo são integrados na moeda de imitação já que, considerando cada moeda numa perspectiva global, esta afasta-se do modelo seguido por cada centro emissor (veja-se Santa Vitória, n.ºs 90 e 91 e Tróia IV, n.º 29, estampa 6; Tróia IV, n.º 39, estampa 7).

Por outro lado, se pensarmos também que entre os “*scalptores*” e “*signatores*” de uma oficina irregular poderiam existir “mestres”, dilui-se cada vez mais a fronteira entre ambos os grupos e, nesta perspectiva, torna-se plausível que algumas moedas incluídas no catálogo da moeda oficial sejam imitações. Paralelamente, algumas das imitações que exibem uma execução cuidada podem ser igualmente produto de um centro emissor regular. Perante esta suposição, é impossível isolar estas moedas com segurança.

No entanto, os *monetarii* são acusados de falsificação pela Lei *C. Th.*, IX. 21.2; esta circunstância implica a impossibilidade de distinção dos seus produtos se, porventura, todos os trabalhadores, e mais especificamente “*scalptores*” e “*signatores*”, de uma pequena oficina clandestina de moeda, localizada em “propriedade rústica ou urbana”, fossem empregados de um centro emissor oficial.

O *Reparatio* de *Maximus* coloca um problema específico. A moeda n.º 118 (estampa 5) é uma peça de *Maximus* de Lugdunum, cujos tipos têm as características oficiais, embora o gravado das legendas seja péssimo; pelo que incluímos esta peça entre as imitações mesmo que possa ser também o resultado de um retoque de cunhos. Distinguir o *Reparatio* oficial de *Maximus* do *Reparatio* imitação, entre os exemplares deste grupo é muito aleatório, já que, em geral as moedas em seu nome revelam uma qualidade inferior às moedas de *Gratianus*. A necessidade que deveria ter *Maximus* em introduzir na circulação moeda em seu nome teve repercussões no cuidado da cunhagem.

Índice toponímico do catálogo de imitações

Abicada:	76	Monte Mozinho II:	56
Algarbes:	77	Monte Mozinho III:	63
Astorga:	84	Museu de Mérida:	86
Balboa:	6	Museu de Cáceres:	86
Belo:	82-83	Palencia:	61
Boca do Rio:	76	Penadominga:	84
Cabriana:	57	Pollentia (depósito):	67
Casabermeja:	87	Pollentia:	79
Cástulo:	96	Porta Decumana (Barcino):	78
Coca:	84-85	Portus Ilicitanus:	82
Complutum (depósito):	66	Riogordo:	82
Complutum:	79	Sant Miquel:	56-57
Conimbriga:	79-80	Sant Josep:	68
Conimbriga A:	67	Santa Vitória do Ameixial:	70-74
Conimbriga E:	68	Santimamiñe:	61
Conimbriga C:	67-68	São Cucufate:	81
Cueto:	67	Sevilha:	87
El Castillo:	67	Tarraco:	78-79
Fermentões:	63	Torralba de Ribota:	56
Ferrarias:	69	Torre:	63-66
Freiria:	69	Torrecaños:	69-70
Galiana:	62	Tróia I:	57
Garciaz:	68-69	Tróia II:	57-58
Goikolau:	78	Tróia III:	74-75
Grau Vell:	81	Tróia IV:	75-76
Huesca:	84	Troino:	59-60
La Alcuía:	60	Valdenebro:	63
La Lantejuela (tesouro):	77	Viladonga I:	61
La Lantejuela:	86-87	Viladonga VI:	61
La Olmeda:	78	Zona Accitana:	77
Las Quintanas:	67-68	Zona del Bierzo:	56
Lugo:	84	Zona Valenciana:	85-86
Monte Mozinho I:	56		